



CULTURA MIDIÁTICA E CRÍTICA DA VIOLÊNCIA: DENÚNCIA, RESISTÊNCIA E EMANCIPAÇÃO

Márcio Zanetti Negrini¹ (organizador)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1274-9732>

E-mail: marcioznegrini@gmail.com

Este dossiê reúne contribuições que, a partir de diferentes áreas do conhecimento, objetos empíricos e abordagens teóricas e metodológicas, interrogam as múltiplas formas pelas quais a violência se produz, se legitima, se naturaliza e é contestada no âmbito da cultura midiática contemporânea. Tomando a mídia, os produtos culturais e as práticas comunicacionais como espaços privilegiados de disputa simbólica, os artigos e o ensaio aqui reunidos evidenciam como a violência opera em dimensões estruturais, discursivas, institucionais e sensíveis, ao mesmo tempo em que apontam possibilidades de resistência e de reconfiguração dos horizontes de emancipação. Nesse sentido, o dossiê se organiza conceitualmente a partir de três eixos – denúncia, resistência e emancipação – como vetores que atravessam, em diferentes combinações, os textos apresentados.

Em "Exclusão, organizações e deficiência visual: uma reflexão sobre a centralidade das imagens na/da comunicação", Guilherme Ferreira de Oliveira, María del Rosario Zavala e Suely Maciel tomam como objeto de reflexão a centralidade do regime visual nas práticas de comunicação organizacional. A partir de uma abordagem teórico-crítica, o artigo problematiza a naturalização da imagem como linguagem universal da comunicação, evidenciando como essa lógica produz exclusões sistemáticas de pessoas com deficiência visual e configura formas persistentes de violência simbólica. Ao articular comunicação, acessibilidade e direitos, o texto se inscreve no eixo da denúncia, ao revelar mecanismos cotidianos de desigualdade frequentemente invisibilizados.

A crítica à violência no ambiente online é formulada em "Desinformação digital como violência simbólica: algoritmos, poder e resistência no espaço público", de Tiago Negrão Andrade e Maria Cristina Gobbi. O objeto de estudo do artigo é a

¹ Universidade de Sorocaba (Uniso). Sorocaba, SP, Brasil. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, RS, Brasil.

desinformação enquanto fenômeno sociotécnico do ecossistema informacional contemporâneo. Com base em uma abordagem crítico-teórica, os autores discutem o papel das plataformas digitais e dos sistemas algorítmicos na amplificação de conteúdos enganosos, na reorganização do espaço público e na intensificação de assimetrias de poder. A desinformação é compreendida como forma de violência que afeta a confiança pública e os processos democráticos, articulando-se aos eixos da denúncia e da resistência.

Ainda no campo das violências discursivas, "Homofobia e discurso de ódio: violência simbólica e disputas discursivas no espaço público digital", de Maurício João Vieira Filho, analisa como objeto empírico a repercussão midiática de uma postagem considerada homofóbica no Instagram, envolvendo a apresentadora Renata Fan e a cantora Pabllo Vittar. A partir de uma pesquisa quanti-qualitativa e da análise de conteúdos jornalísticos, o artigo examina os enquadramentos mobilizados pela mídia e discute como a chave do "humor" atua na banalização e normalização do discurso de ódio. O texto contribui para o dossiê ao denunciar processos de legitimação simbólica da violência contra populações LGBTQIA+ no espaço público digital.

A denúncia das violências de gênero atravessa de modo central "Odete e Celina: um caso de violência doméstica, psicológica e patrimonial contra mulher na telenovela", de Marcia Veiga. Tomando como objeto de estudo a relação entre as personagens Odete e Celina no remake da telenovela *Vale Tudo*, o artigo analisa essa dinâmica à luz da Lei Maria da Penha e do gênero como categoria teórico-epistemológica. A partir dessa perspectiva, a autora demonstra que a violência de gênero não se define pela identidade sexual ou pelo sexo biológico dos sujeitos envolvidos, mas pelas posições assimétricas de poder que se estabelecem na relação, o que permite reconhecer a ocorrência de violência mesmo em vínculos entre duas mulheres. Ao evidenciar formas de violência psicológica e patrimonial frequentemente silenciadas, o texto problematiza a telenovela como tecnologia cultural que tanto reproduz quanto torna visíveis hierarquias de gênero e relações de dominação, ampliando a compreensão social sobre a complexidade das violências de gênero.

O eixo da resistência emerge de modo particular nos artigos que interrogam práticas culturais, estéticas e discursivas como formas de enfrentamento à violência histórica e estrutural. Em "Eunice, Clarice, Thereza: gesto, testemunho, resistência", Julianna Nogueira Ronna e Giancarlo Backes Couto analisam como objeto específico o curta-metragem documental *Eunice, Clarice, Thereza*. Inscrito no campo do cinema, o artigo discute como a linguagem fílmica opera gestos de testemunho e memória relacionados à experiência da ditadura civil-militar brasileira. O curta é compreendido como prática de resistência, na medida em que reinscreve imagens, corpos e vozes no presente, enfrentando processos de apagamento da violência de Estado.

Também situado no eixo da resistência, "O desvelamento crítico do capital como resistência melancólica e literária: tensões entre medalhões, malandros e boêmios", de Cláudio Coração, William David Vieira e Saulo Pedrosa da Fonseca Rios, apresenta um ensaio de crítica cultural que toma como objeto de estudo figuras e textos da literatura brasileira e da crônica jornalística, com destaque para autores como Machado de Assis,

Lima Barreto e João do Rio. A partir dessas referências, o ensaio mobiliza personagens que se configuram como tipos sociais – o medalhão, o malandro e o boêmio – enquanto figuras críticas que permitem pensar a violência do capital, suas moralidades e seus dispositivos de adaptação social. O texto interpreta a recusa à ascensão social, ao prestígio e à conciliação com a ordem dominante como formas simbólicas de resistência, nas quais literatura e crônica se afirmam como espaços privilegiados de elaboração sensível e política da crítica social. Ao articular estética, história social e crítica do capital a partir das formas culturais, o ensaio contribui para o dossiê ao evidenciar como a resistência pode operar como gesto melancólico e não conciliado.

A articulação entre denúncia, resistência e emancipação é mobilizada em "Jornalismo, violência e conflitos ambientais na América Latina", de Anna Júlia Carlos da Silva e Reges Schwaab. O objeto empírico do artigo é uma reportagem de Eliane Brum, publicada nas plataformas *Sumaúma*, sediada no Brasil, e *Dromómanos*, sediada no México, reforçando a dimensão latino-americana dos conflitos socioambientais analisados e a lógica de cooperação entre plataformas críticas independentes. A partir de uma leitura discursiva, o texto discute o jornalismo como prática capaz de denunciar violências coloniais, capitalistas e patriarcais, afirmando-se, simultaneamente, como espaço de resistência aos silenciamentos e de construção de narrativas comprometidas com horizontes emancipatórios.

No artigo "Educação em valores e educação midiática no novo espaço público midiático: internet e suas redes sociais", Thereza Carolina Gonçalves Vieira e Alexandra Bujokas de Siqueira desenvolvem uma reflexão teórico-conceitual situada no campo da educação, voltada às transformações do espaço público contemporâneo e aos efeitos da cultura digital sobre os processos formativos. O artigo estabelece uma relação entre a influência de autores clássicos da filosofia e a constituição da teoria pedagógica, tomando-os como matrizes históricas da formação ética e cidadã. Em seu percurso, o artigo analisa o papel da escola diante da centralidade das redes sociais e da aprendizagem informal, defendendo a educação midiática como mediação necessária para a formação do julgamento crítico, da responsabilidade ética e da capacidade de discernimento frente à desinformação, à manipulação simbólica e à fragilização do debate público.

Em "Para além do "felizes para sempre": violência contra a mulher e possibilidades de emancipação em A Bela e a Fera", Ângela Cristina Salgueiro Marques, Laura Adler Lara de Oliveira e Amanda Mota de Oliveira analisam o filme a partir de uma perspectiva feminista atenta às performatividades de gênero e aos modos pelos quais a narrativa cinematográfica produz e naturaliza a violência nas relações afetivas. O artigo examina as trajetórias de Bela, Gaston e Fera mobilizando aportes teóricos de Judith Butler e Lourdes Maria Bandeira, discutindo como o enredo tensiona, mas também reinscreve, normas patriarcais associadas à romantização da agressividade masculina e ao cuidado sacrificial atribuído às mulheres. Ao aproximar a experiência da protagonista do ciclo da violência doméstica, o texto problematiza o ideal do amor redentor inscrito no "felizes para sempre". A emancipação é formulada a partir dessa

crítica e da valorização das amizades femininas como alternativa ao isolamento afetivo produzido pelo amor romântico.

Por sua vez, em "Discapacidad y redes sociales: análisis de cuentas de profesionales de educación especial en Instagram", Mónica Bonilla-del-Río, Iván Sánchez-López, Amor Pérez-Rodríguez e Elizabeth-Guadalupe Rojas-Estrada investigam a presença de profissionais da educação especial no Instagram a partir de uma análise de conteúdo que combina *walkthrough method* e codificação dedutiva e indutiva. O artigo examina formatos de publicação, finalidades comunicacionais, materiais pedagógicos, estratégias de interação e recursos de visibilidade, evidenciando a constituição de comunidades profissionais e práticas de formação continuada em rede. Ao mesmo tempo, os resultados indicam a incidência das lógicas da plataforma – especialmente a autopromoção, a construção de marcas pessoais e a incorporação de estratégias comerciais – nos modos de circulação desses conteúdos e na forma como a deficiência se torna visível no ambiente digital. Nesse tensionamento, o artigo chama atenção para a denúncia das exclusões persistentes, as práticas de resistência por meio da ocupação estratégica das redes e a emancipação como horizonte de disputa por narrativas inclusivas e reconhecimento social.

Em conjunto, os textos reunidos neste dossiê reafirmam a centralidade da cultura midiática como espaço de produção, reprodução e contestação da violência. Ao articular denúncia, resistência e emancipação a partir de abordagens interdisciplinares, a proposta editorial contribui para aprofundar o debate crítico sobre as violências contemporâneas e sobre as possibilidades de enfrentamento e transformação social no campo da comunicação, da cultura e das práticas midiáticas.

Agradecemos às autoras, aos autores e às pareceristas e aos pareceristas que tornaram possível a realização deste dossiê.

Boa leitura!